

O RELATO DE JOSÉ DO PATROCÍNIO NO NORDESTE BRASILEIRO E A IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DO GÊNERO LITERÁRIO DA CRÔNICA

Daylhane M. Aguiar Cunha*

“A cada canto há um quadro horroroso que nos prende a atenção, uma lágrima a enxugar, uma indignação a conter.”

José do Patrocínio, *Ruas e Praças de Fortaleza*.

INTRODUÇÃO

Em *Viagem ao Norte*, José do Patrocínio exerce o papel de um narrador-repórter ou historiador do cotidiano, dado que tanto testemunha a situação calamitosa dos retirantes como se posiciona entre a argumentação e a narração dos fatos. O modo pessoal com o qual o cronista informa, aproxima a sociedade, a qual lhe é familiar, e a Corte da imagem que é pouco conhecida e, através da exposição da própria visão de mundo, abre espaço para pontos de vista serem formados.

Portanto, a partir da compreensão de que o viajante não estava meramente descrevendo o ambiente, mas que, em cada folhetim seu publicado na *Gazeta de Notícias*, José do Patrocínio pretendia, sobretudo, denunciar a situação sócio-política da região. O presente ensaio se dedica a sinalizar orientações de leitura dos textos, buscando fomentar reflexões, bem como contribuir para a análise dos relatos.

Por essa razão e com fins de auxílio à interpretação da subjetividade do autor, ressalta-se o que foi encontrado por José do Patrocínio, estabelecendo conexões com as estratégias de leituras críticas sugeridas por Marquesi (2005), orientadas pela compreensão do caráter do gênero da crônica.

*Estudante do sétimo período de Relações Internacionais da Faculdade Damas.

BREVES CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO GÊNERO DA CRÔNICA

Uma vez que os relatos de *Viagem ao Norte* estão dispostos sob o formato de crônica, é possível identificar nos escritos de José do Patrocínio elementos que ampliam a percepção desse gênero literário, bem como veicular interfaces com jornal e folhetim, demandando considerações a respeito.

Verifica-se a especificidade da crônica na medida em que esta se constitui ponto de intersecção entre a argumentação e a narração acerca de fatos corriqueiros. De modo que se visualiza uma espécie de jornalismo acompanhado pela literatura. É justamente a adesão do último que atribui à crônica a capacidade de se manter com o passar dos anos:

“A crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia. No primeiro caso, a crônica envelhece rapidamente e permanece aquém do território literário.”¹

Mediante associação de acontecimentos dignos de notícia a ferramentas como linguagem coloquial e construção de metáforas, o cronista busca, pois, registrar o cotidiano, observando o incomum no que é trivial. Nas palavras de Tonelli (2004)²:

“A crônica é um gênero que chega ao leitor com a força da linguagem coloquial e, por isso, registra a vida em seus movimentos e nos seus afazeres. O cronista é e continuará sendo um historiador do cotidiano, grande comunicador das nuances, do grotesco, do inútil, das diferenças e permanências que estão nos espaços da vida dos seres humanos, nas suas dores, nos seus instantes, nos seus sonhos. Assim, a vida é, por si só, uma crônica.”

No entanto, sobrepondo-se à aparente superficialidade de tecer comentários sobre aspectos do dia a dia, o narrador-repórter revela as próprias percepções, atribuindo-as uma espécie de avaliação da realidade, capaz de levar o leitor à reflexão. De acordo com Roncari (1995), o cronista é:

¹ MOISÉS, 1977, p. 247 apud MYSZAK, 2008, p. 1842

² TONELLI, 2004, p. 10 apud MARQUESI, 2005, p. 38

estão no mesmo barco, flutuando nas ondas de um lago que não corre para lugar nenhum.³

Diante de tal perspectiva, é conferida à crônica a faculdade de informar por meio do subjetivo. Para isso, como Moisés⁴ (1979) pontua, sua estrutura é breve e narrada na primeira pessoa do singular, sendo responsável por – junto a fatores tais como linguagem fácil, marcas de oralidade e discurso sem delongas - criar uma conversa imaginária entre autor e leitor, ao qual o cronista manifesta sua opinião pessoal a respeito do que está sendo discutido. Para Tuzino (2009):

A leitura de mundo oferecida por aquele que produz uma crônica é extremamente ética, na medida em que deixa evidente (muitas vezes pelo próprio espaço destinado ao texto na diagramação do jornal, por exemplo) ao leitor de que aquele texto é autoral, é opinativo.⁵

No que diz respeito às tentativas de reunir grupos de crônicas de acordo com elementos comuns, Tuzino (2009) destaca as classificações de Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Luiz Beltrão e Massaud Moisés.

Sendo assim, Melo⁶ expõe a sugestão de Antonio Candido (1989) em separar entre Crônica-diálogo, caracterizada pelo intercâmbio de visões de mundo do leitor e cronista; Crônica narrativa, cuja estrutura de ficção assemelha-se à do conto, Crônica exposição poética – divagação livre sobre um fato ou personagem e Crônica biografia lírica, que são aquelas que narram poeticamente a vida de alguém.

Já Luiz Beltrão⁷ subdivide a crônica quanto à natureza do tema e quanto ao modo como o assunto é tratado. No âmbito do primeiro grupo, a crônica pode ser:

- a) Geral, quando aborda uma variedade de temas;
- b) Local ou urbana, quando discorre sobre o cotidiano das cidades;
- c) Especializada, quando retrata aspectos de uma atividade específica.

Na subárea de tratamento conferido ao tema:

- a) Analítica: exposição objetiva e breve dos fatos;

³ RONCARI, 1995, p.15 apud GUARIDO; MORAES, 2009, p. 120

⁴ MOISÉS, 1979 apud ANDRADE, 2005

⁵ TUZINO, 2009, p.15

⁶ MELO, 1985, p.118 apud TUZINO, 2009, p. 12

⁷ BELTRÃO, L.1980, p.68 apud TUZINO, 2009, p. 11

- b) Sentimental: apela-se à sensibilidade do leitor; os fatos comovem e influenciam a sensibilidade.
- c) Satírico-humorística: critica, ironiza, ridiculariza fatos ou pessoas com a finalidade de advertir ou entreter o leitor; possui feição caricatural.

Tuzino menciona ainda a classificação de Massaud Moisés (2003), a qual o gênero se enquadra em crônica-poema, cuja temática volta-se para o eu, que “não raro impelindo o cronista a transformar o texto em página de confissão, de diário íntimo ou de memórias”⁸ - ou o assunto se refere ao objeto de interesse do autor: a crônica-conto.

Por último, introduz-se o agrupamento de Afrânio Coutinho:⁹

Há diversos tipos de crônica na literatura brasileira. Pode-se classificar esses tipos pela natureza do assunto ou pelo movimento interno. Assim temos, **a) a crônica narrativa**, cujo eixo é uma história, o que a aproxima do conto, como no exemplo de Fernando Sabino; **b) a crônica metafísica**, constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens, como é o caso de Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou discretar filosoficamente; **c) a crônica-poema em prosa**, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos, como é o caso de Álvaro Moreyra, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo; **d) a crônica-comentário** dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, “o aspecto de um bazar asiático”, acumulando muita coisa diferente ou díspar, como são muitas de José de Alencar, Machado e outros. É evidente que essa classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos, os quais na realidade se encontram fundindo traços de uns e outros.

Adiante, ver-se-á que as crônicas de *Viagem ao Norte*, devido à variedade de assuntos observados e aos diversos focos os quais José do Patrocínio decide incorporar ao relato das circunstâncias em que vivem os retirantes, podem enquadrar-se em várias das categorias de classificação que foram propostas.

Os textos que serão analisados discorrem sobre o cotidiano das cidades nordestinas percorridas pelo jornalista, portanto, de acordo com a sugestão de Luiz Beltrão, pertenceriam ao grupo Local. No entanto, a partir desse assunto, abre-se um leque de abordagens que refletem sobre as relações políticas, a desigualdade, a situação calamitosa dos retirantes, as tentativas de enfrentar o problema, dentre outros temas que permitem a inclusão das crônicas de José do Patrocínio no grupo Geral.

⁸ MOISÉS, 2003, p. 111 apud TUZINO, 2009, p. 12

⁹ COUTINHO, A. 1967 apud BENKER; LAURITO, 1993, p. 57

O mesmo ocorre na subárea que abrange o tratamento conferido ao tema. O apelo sentimental é predominante. O leitor está constantemente sendo comovido, seja pela própria natureza dos fatos, seja porque o gênero da crônica possibilita ferramentas que aguçam a sensibilidade. Logo, *Viagem ao Norte* apresenta caráter Sentimental. No entanto, soma-se a essa classe, a Satírico-humorística, pois, principalmente no que diz respeito ao comportamento do clero, José do Patrocínio faz uso do recurso da ironia para chamar a atenção do leitor.

Partindo deste breve comentário acerca das categorias onde as crônicas de José do Patrocínio podem ser inseridas, dá-se continuação ao artigo, buscando sublinhar a construção histórica do gênero da crônica. Em seguida, traçam-se alguns aspectos referentes à conjuntura que favoreceu a produção dos relatos de viagem e, por fim, adentra-se em uma análise mais profunda dos relatos de Patrocínio sobre sua passagem pelo Nordeste brasileiro no ano de 1878.

O LUGAR DA CRÔNICA NO DECORRER DO TEMPO

A origem do vocábulo crônica remonta, segundo Moisés¹⁰, à palavra grega *chronikós*, referente a tempo, e no latim, *chronica*, para designar uma relação de acontecimentos ordenados em sequência cronológica. Na época, a crônica “limitava-se a registrar os eventos sem aprofundá-los as causas ou tentar interpretá-los”.

Ao longo do tempo essa função da crônica foi sendo substituída de modo que no século XIX, o termo adquire caráter literário. Impulsionado tanto pela modernização da indústria jornalística como pela formação de uma massa consumidora, o jornal se torna uma importante ferramenta de difusão de conhecimento e entretenimento, fornecendo espaço para a popularização das crônicas ou, como notou Moisés (2003), das “narrativas históricas”.

Como “o processo de modernização da imprensa reflete a passagem de uma confecção quase artesanal dos diários a uma imprensa de cunho empresarial”¹¹ as finalidades lucrativas ganham destaque e, paralelamente, a necessidade de aumento do público leitor. Em

¹⁰ MOISÉS, 2003, p. 101 apud TUZINO, 2009, p. 3

¹¹ NEVES, 1992, p. 80 apud SCHNEIDER, 2005, p.73

consequência, os jornais adotam os folhetins como estratégia de atração de novos consumidores e assegurar os antigos.

A respeito da relação entre folhetim e jornal, Machado de Assis pontua:

O folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como polos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.¹²

Sendo assim, além do conteúdo informativo, os jornais continham textos de assimilação simples. À fórmula “continua amanhã”, que entretia por partes, reservou-se o espaço dos rodapés e neles era publicada uma enorme variedade de textos. De acordo com a jornalista Érica Michelline Cavalcante Neiva, “qualquer texto que (...) naquela época não preenchesse as exigências jornalísticas era publicado no espaço folhetinesco. Por isso, o conto, a crônica, a novela e o romance eram considerados folhetins, uma vez que ocuparam o rodapé dos jornais”.¹³ Nesse sentido, constata-se que é em meio à perspectiva de publicação em folhetins de jornal que a crônica foi inserida na imprensa brasileira.

ORIGEM DA DEMANDA POR RELATOS: BAIXO NÍVEL DE INTEGRAÇÃO NACIONAL

No ano de 1878, José do Patrocínio embarca no paquete Pará com destino a Salvador, Maceió, Recife, Paraíba do Norte (João Pessoa) e, ao cabo, Fortaleza. A finalidade era contar aos leitores do periódico carioca *Gazeta de Notícias* suas observações quanto ao funcionamento das cidades visitadas, às condições de vida da população e, sobretudo, à situação calamitosa reservada aos retirantes.

É importante enfatizar que os escritos da *Viagem ao Norte* retratam a realidade brasileira do século XIX, época a qual todo o gigantismo territorial do país limitava-se a poucos polos econômicos especializados na produção de um ou outro produto agrícola de exportação, que se relacionavam mais com o exterior do que entre si, era o Brasil-arquipélago, herança colonial que perpetuou mesmo com a Independência política

No período colonial, predominou a distribuição na forma de arquipélago mercantil, com as regiões se especializando em diversas atividades em função da sua localização geográfica e do

¹² ASSIS, 1994, p. 959 apud SCHNEIDER, 2005, p.73

¹³ TUZINO, 2009, p. 6

mercado. Esse princípio privilegiou a costa atlântica brasileira e difundiu-se desta para o sul e o interior do território brasileiro.¹⁴

Paralelamente, a população também se concentrava nessas regiões e, devido à ausência ou ineficiência de meios de transporte viáveis também reproduziam a estrutura de isolamento.

A ocupação do território brasileiro, como se sabe, verificou-se a partir de uma exígua e dispersa população. Isto é, a lógica de ocupação foi a de constituir base de apoio na costa, projetando-se, a partir daí, para o interior, isolando a pequena população em ilhas de povoamento.¹⁵

O Brasil recém independente continua pouco integrado. A transformação econômico-demográfica do espaço brasileiro só irá ocorrer por volta de 1930 graças ao dinamismo da economia cafeeira que promoveu investimentos em infraestrutura, beneficiando a criação de um núcleo industrial capaz de interagir com as demais regiões do país.

Becker e Egler¹⁶ apontaram a constituição de um mercado interno nacional como o evento responsável pela transformação da estrutura de arquipélago mercantil, associada ao modelo agrário exportador e importador de bens industriais. Essa transformação teve início com a expansão da cafeicultura de São Paulo, que explorava o trabalho assalariado e retinha o valor das exportações, substituindo importações por mercadorias produzidas nas indústrias distribuídas no território nacional. Esse movimento começou a articular as demais regiões através de redes de abastecimento para o mercado interno de São Paulo, rompendo relativamente o isolamento regional.

Considerando, portanto, as dificuldades de integração inter-regional, os relatos de José do Patrocínio visam, dentre outras funções sociais que serão abordadas adiante, informar à sociedade a qual lhe é familiar, o que acontece em uma sociedade pouco conhecida.

ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE JOSÉ DO PATROCÍNIO PUBLICADAS NO PERIÓDICO *GAZETA DE NOTÍCIAS* NO ANO DE 1878

José do Patrocínio inicia o relato da *Viagem ao Norte* contando alguns acontecimentos corriqueiros que ocorreram durante o trajeto de pacote. Em seguida, descreve Salvador de forma breve, destacando, nas palavras do autor, a “aparência de ruínas” da cidade, apesar de

¹⁴ SANTOS, 2007, p. 46

¹⁵ NATAL, 1991, p. 293

¹⁶ BECKER e EGLER, 1994, apud SANTOS, 2007, p. 46

mencionar recordações agradáveis. Em seguida, o autor sugere o tema com o qual se preocupará retratar. O uso de certas expressões bastante enfáticas no fim dessa primeira crônica estimula no leitor a curiosidade e o desejo de saber o que o viajante encontrou no “Norte”¹⁷, exprimindo, logo, o caráter típico dos folhetins.

Expostas as minhas gratas recordações (em estilo de bem-aventuranças), resta-me dizer que na Bahia vi quase na sua verdade o que é um retirante. Maceió aproximou-me ainda mais do modelo vivo e hoje quase que estou habilitado a descrever *d’apres nature* a personificação da desventura de uma grande parte de nossa pátria. (José do Patrocínio, *Da Corte a Maceió*)

Chama atenção o valor documental dos escritos aqui referidos. As abordagens não se limitam a uma mera listagem de elementos vistos ou acontecimentos presenciados, mas os fatos são interpretados, as opiniões expostas e argumentadas. Tal tendência pode ser evidenciada no decorrer dos depoimentos.

A crônica subsequente, por exemplo, conta a admiração da natureza que se apercebe quando o *Pará* atraca em Maceió. Para criar imagens mais claras na imaginação do leitor, José do Patrocínio não rejeita metáforas como “exército de gigantes mitológicos pasmados em face do oceano”, em referência aos coqueirais.

Soma-se às especificidades do gênero escolhido a prática de tratar o objeto de escrita de modo superficial, a priori. Porém, na realidade, o cronista conduz “como quem não quer nada” ao que ele realmente intenta versar sobre. Em *Continuação*, ademais da natureza, José do Patrocínio retrata a disposição das ruas e casas de Maceió, cita os edifícios notáveis e, como em todos os lugares percorridos durante a viagem, não se esquece de reservar algumas notas à imprensa local.

Todavia, ao passo que a história é desenvolvida, há um aprofundamento das questões. O enredo realiza denúncias sobre a situação política e social. A partir delas é possível refletir sobre a realidade da época, confrontando-a com o que é visualizado nos dias atuais, como nos trechos acerca do funcionamento da política alagoana e da atuação privada no lugar da pública ou da prestação de favores em lugar de deveres:

¹⁷ José do Patrocínio emprega o vocábulo Norte como indicador de direcionamento em relação ao ponto de partida, o Rio de Janeiro. Um vício linguístico comum até hoje com o intuito de fazer referência à região Nordeste.

Entretanto a política não pareceu-me ser objeto de estudo sério por parte dos seus extremos sectários. Meramente pessoal limita-se a passividade dos grupos à vontade dos chefes que movem discricionariamente os seus ingênuos e crédulos eleitores. (José do Patrocínio, *Continuação*)

Este projeto (referente a medidas de superação das calamidades do serviço dos socorros) prova que os homens ilustrados não são indiferentes à sorte dos infelizes, e a esta prova junta-se a cessão de 10% dos seus vencimentos. Feita pelo Sr. Dr. Buarque Nazaré, juiz de direito de Maceió e auditor de guerra, que desta sorte divide com os infelizes os recursos da numerosa família de que é chefe. (José do Patrocínio, *Continuação*)

Pesquisas demonstram conexões desses fragmentos com a realidade contemporânea de Alagoas. Tiago Leandro da Cruz Neto, em *Planejamento educacional e participação democrática: um estudo sobre a rede pública estadual em Alagoas (1999-2004)* destaca que “atores políticos marcantes em nossa história nacional – senhor do engenho e coronel – serão característica fundamental no desenrolar das relações políticas alagoanas”¹⁸ e que a estrutura dessas oligarquias incide em “voto de cabresto, currais eleitorais, vendas de votos, presentes nos interiores - interferindo em uma relação participativa ativa”¹⁹. Em síntese:

Assim, tivemos em Alagoas desde o período da colonização uma classe dominante que aprofundou o distanciamento com o povo, fazendo do Estado o educador da sociedade alagoana. Na relação Estado e sociedade essa educação é concebida justamente na posse do público pelas concepções privadas sociais e relações de poder do modelo agropecuário alagoana. Sendo as classes populares miseravelmente desprovidas das necessidades básicas – educação, alimentação, saúde, emprego – os donos do poder enquanto mandatários locais tornaram-se o elo como poder público que, por sua vez passou a ser utilizado como meio de produzir a dependência das classes populares aos donos do poder, seja pelos sentimentos da gratidão ou do medo. Uma relação de poder fundada na “fidelidade no compromisso, na troca de favores e na dependência”.²⁰

Seguindo o raciocínio, José do Patrocínio termina por identificar a intolerância nas questões políticas e sugere até violência em:

O povo dá grande importância às questões políticas, e mesmo entre os homens proeminentes da localidade chega-se à intolerância. Em regra geral a divergência partidária impossibilita as relações íntimas. (José do Patrocínio, *Continuação*)

Novamente existem vinculações que permaneceram no decorrer dos anos. Em *O poder e a cultura de violência em Alagoas* (2005), Ruth Vasconcelos analisa a representação ofensiva

¹⁸ NETO, T.L. da C, 2010, p. 86

¹⁹ NETO, T.L. da C, 2010, p. 88

²⁰ ARAÚJO, 2007, p. 92 apud NETO, 2010, p. 89

em diversos segmentos da sociedade alagoana que revela a banalização e naturalização da violência no Estado. Segundo a pesquisadora, verificam-se atos que expressam tanto uma violência institucionalizada - a política e policial – quanto em atitudes do cidadão comum. O estudo é delimitado ao período de 1998 a 1999, quando matérias jornalísticas tornaram de conhecimento público o envolvimento de autoridades com o crime organizado.

Desse modo, cumpre salientar o destaque de Carlos Baptista de Andrade²¹ para a possibilidade de crônicas tornarem-se datadas devido à estreita ligação com o contexto a qual estão inseridas, o que causaria variações no efeito da leitura à medida que depende da identificação do leitor com o contexto a qual está inserido. No entanto, por razões já mencionadas anteriormente, mais parece que as crônicas de *Viagem ao Norte*, escritas em 1878, não sofreram tanto o intemperismo do tempo.

De maneira análoga, a desigualdade foi incluída no rol de objetos dignos de comentários de José do Patrocínio.

Pela manhã e à tardinha a estrada é extraordinariamente concorrida, porque vem com ela entroncar-se uma outra que conduz ao Bebedouro, pequena bacia formada por um riacho e onde se reúne crescido número de banhistas. Além disso estão ali situadas as melhores chácaras dos cidadãos mais abastados.” (José do Patrocínio, *Continuação*)

Enquanto “pelas ruas, praças, pela estrada arrasta-se tristemente o sórdido transbordamento da miséria das províncias do Norte; os míseros retirantes.” (José do Patrocínio, *Continuação*).

Contribui para impressão de contemporaneidade dos relatos o *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*²², publicado no sítio eletrônico do PNUD²³, o qual discorre sobre o índice Gini²⁴ nos Estados brasileiros e noticia que em 2003 o índice de Gini em Alagoas aumentou de 0,63 para 0,69, tornando o Estado o mais desigual do país.

Na tentativa de reproduzir um retrato fiel do que viu, José do Patrocínio não poupa recursos que, destoando da linguagem jornalística, apelam para o lado sentimental.

²¹ ANDRADE, 2005, p. 31

²² Disponível em: <www.pnud.org.br/atlas/PR/Press_Release_1.doc>. Acesso: 8 de fevereiro de 2012.

²³ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

²⁴ Índice que mensura o grau de distribuição de renda, de modo que a equidade é percebida pela proximidade do grau zero (Instituto Política y democracia. Disponível em: <<http://www.politica-democracia.com/al-america-latina/ind-gini.htm>>. Acesso: 8 de fevereiro de 2012)

É um quadro verdadeiramente triste ver as pobres mães e pais, com lentidão doentia, carregando nos braços, e amparando solícitos os passos vacilantes dos filhos, ossadzinhas quase sem forças para vagirem, mumiazinhas farrapilhas ou nuas que pedem pão. (José do Patrocínio, *Continuação*)

E prossegue com a descrição da figura dos retirantes:

Os rostos escaveirados pela fome revestem-se-lhes de um colorido itérico. Os olhos esbugalhados, os cabelos emaranhados; os andrajos que lhes cobrem os corpos emagrecidos dão-lhes aquele ar sorneiro dos idiotas. Retardar-lhes o andar, a inchação das pernas e dos pés, curva-lhes a cabeça o vexame da desgraça. (José do Patrocínio, *Continuação*)

Como um fiscal, o cronista analisa o tratamento que é reservado aos retirantes. Para tanto, investiga a higiene dos asilos, a severidade com que são tratados os miseráveis, a distribuição de “rações” - como era chamada a porção de comida destinada aos flagelados - e denúncia a Comissão de Socorros, cujas medidas para atenuação do sofrimento da população julga ser pouco eficazes.

Assim, José do Patrocínio reflete e as conclusões são expostas de um modo passível a influenciar outros pontos de vista.

- . Seis rações bastam-lhe para atravessarem a estação calamitosa? Abrem-lhes as velas da terra à produção; facilitam-lhes a obtenção de trabalho em lugares onde os braços existentes são superiores a ele? (José do Patrocínio, *Continuação*)

Ademais, ao explicar as razões da impotência da Cidade de Palha, morro no subúrbio de Maceió, onde seriam construídas casas para a população mais necessitada, por exemplo, fica claro o valor argumentativo dos textos.

- . O local é mal escolhido, por isso que é um morro castigado pelo sol e para onde a água dificilmente é transportada. Esta circunstância impede manifestamente que os retirantes entreguem-se ao cultivo do solo. Além disso, a pequena área do terreno não comporta a população que lhe é destinada para entregar-se a trabalhos de agricultura. (José do Patrocínio, *Continuação*).

A relativa flexibilidade da crônica, em um comparativo com outros gêneros textuais, permite ao escritor descrever o que pensa sobre as questões que levanta.

Penso que o Estado não deve alimentar vagabundos, mas é preciso ver também que um trabalho aturado não pode ser exigido de homens completamente enfraquecidos por viagens de dezenas de léguas na mais absoluta penúria. (José do Patrocínio, *Continuação*).

Grande parte dos elementos característicos do gênero estudado já foi identificada logo nas primeiras crônicas. No entanto, a fim de promover o resgate da época, considera-se importante manter o esquema de associações ainda nos textos que se sucedem.

Durante a passagem por Recife, José do Patrocínio narra duas faces de uma mesma cidade. De um lado, “lindas pontes, chácaras artisticamente cultivadas, palacetes luxuosamente decorados”, ostentação. Do outro, “crianças magras, mulheres desgrenhadas, homens disformemente inchados e a fome devorando os miseráveis”. Diante de uma realidade contemporânea que ainda demonstra o comentário proferido pelo cronista, novamente se percebe a faculdade desses relatos sobreviverem ao tempo, visto que a identificação do leitor com o contexto do passado e o do presente ocasiona a permanência do efeito das crônicas.

Em seguida, ao desembarcar na Paraíba, o correspondente da *Gazeta de Notícias* se depara com mais um cenário de, como ele mesmo admite, “sangrar o coração”. O socorro de um homem faminto é contado de modo a transparecer toda a sensibilidade manifestada pelo relator ao presenciar tal acontecimento. E se admira: “E repetiram-me impertinentemente que ainda mais restava-me que ver!” (José do Patrocínio, *No Ceará*)

Após alguns dias, José do Patrocínio segue viagem rumo ao Ceará. Assim que desembarca, retoma a documentação do que presencia no local. Aparentando superficialidade, fala dos edifícios que merecem destaque, das ruas retas e praças amplas e arborizadas, conduzindo assuntos triviais a outros mais polêmicos os quais informa comentando, como a existência das Irmãs da Caridade, grupo formado pelas mulheres que dirigem o serviço da Santa Casa de Misericórdia:

Ao passo que a pretensão do clero cearense abusa desaforadamente do bom senso das classes ilustradas e da credulidade pública, em nome do mesmo Deus e em nome da caridade, oito mulheres e uma pequena associação literária esforçam-se em concorrer eficazmente para minorar o padecimento do povo. (José do Patrocínio, *No Ceará*)

O jornalista se reporta ainda o nível de mortalidade de Fortaleza, cuja causa atribui à falta de tratamento de enfermidades, tais quais diarreias, inchações e beribéri, bem como à fome. E opina: “Que número extraordinário de vidas sacrificadas pela anarquia e que poderá ser poupado com a sistematização racional da distribuição dos socorros!” (José do Patrocínio, *No Ceará*)

O olhar de Patrocínio recai sobre a população. Dedicar-se, portanto, a retratar as histórias de moças e mulheres em situação de moradoras de rua, prostitutas, portadoras de sífilis e denuncia que muitos dos encarregados de socorros são os próprios violentadores morais. A escolha da linguagem e o uso de recursos como comparações, metáforas e grau diminutivo favorecem a sensibilização do leitor. Tal qual pode ser percebido na descrição da realidade enfrentada na infância:

Criancinhas nuas ou seminuas, com os rostos escaveirados, cabelos emaranhados pelo pó das longas jornadas, com as omoplatas e vértebras cobertas apenas por pele ressequida de, cujos dedos e calcanhares foram disformados por parasitas animais, vagam sozinhas ou em grupo tossindo, a sua anemia e invocando com voz fraquíssima o nome de Deus em socorro da orfandade. (José do Patrocínio, *Ruas e praças de Fortaleza*).

Outras ainda, com a perícia de uma ninhada de pintos, levam horas ciscando o lixo da rua para descobrirem grãos de milho, de arroz e farinha que guardam solícitamente em pedacinhos de pano imundo. Suprema alegria, porque é a satisfação da natural glotonice infantil, é para as infelizes o encontro de um bagaço de cana, repassam-no como duas moedas de modo a aproveitar alguma gota de suco que lhe restava. (José do Patrocínio, *Ruas e praças de Fortaleza*)

Com o intuito de complementar seus comentários, tornando-os mais elaborados, José do Patrocínio frequentemente recorre à intertextualidade, isto é, refere-se a outros textos durante a construção do nexos do seu próprio.

Quando encontro nas ruas dez e doze redes amarradas pelo meio por uma corda de couro; quatro e seis padiolas funerárias ostentando no seu todo negro uma enorme cruz branca, e batendo indiferentemente a tampa grosseira; mais adiante as carroças negras, os préstitos a pé, alumiados por tocheiros os caixões, cuja forma lembra duas pirâmides truncadas e desiguais, ligadas pela base, parece-me que estou habitando a cidade da morte e espontaneamente a memória parodia-me os pavorosos do Dante:

Seres criados, não poupeis jamais,

Deixai toda esperança – oh! Vós que entráis!” (José do Patrocínio, *Ruas e praças de Fortaleza*)

José do Patrocínio, qual líder abolicionista que era, não poderia deixar de notar e de dar opinião quanto à diferença de conforto entre as senzalas e as casas dos senhores cuja “abundância de ar e de luz, esbanjada com pulmões que apenas têm de respirar em feliz ociosidade, com olhos que só têm de espairer tédios venturosos”.

Quando se depara com os abarracamentos, se dedica a informar a natureza desses. Fala de paredes de barro e janelas estreitas que transmitem “um vago tom de luxo que não lhes fica bem”, tendo em vista as cobertas feitas de folha de carnaúba, as ruas imundas, a prostituição infantil – “o pudor na miséria apenas provoca risadas”- e a exposição a doenças.

Informa a existência de enfermarias, porém a capacidade de atendimento é mínima se comparada à população absoluta. Aos habitantes dos abarracamentos é conferida, portanto, apenas a espera pela morte e a chegada dela traz cenas corriqueiras de lástimas familiares e recolhimento de corpos por caixões negros ou redes atadas ao meio.

Em seguida, reserva nota aos trajés, ou falta de trajés, dos retirantes - condenados a passarem os últimos dias nus sobre redes sujas por evacuações da diarreia - e às inchações que aumentam a circunferência abdominal e dão “a uma criança o abdômen de um cônego”.

Crítico ferrenho, José do Patrocínio não controla seu desprezo pelo clero, o qual acusa de dar prioridade às confissões dos ricos, enquanto os pobres estão prestes a falecer, de se mudar para a capital e “desgastar as banhas em passeios à beira mar” e de não cumprir o dever de levar a palavra a quem não pode pagar imposto de fé. Diante da flexibilidade da crônica, declara abertamente sua indignação pessoal:

Classe digna da maldição pública! Todas as outras têm buscado concorrer para minorar os efeitos da indescritível calamidade; só ela com o pobre egoísmo conventual nega-se a tudo!
(José do Patrocínio, *Abarracamentos e pegadorias dos retirantes na Fortaleza*)

Ao mesmo tempo, o cenário dos abarracamentos é recriado por meio de metáforas, bem como a imagem dos retirantes. Segundo o cronista:

É aí a cidadela da miséria onde a resignação da penúria ouve sem protesto as calúnias da fartura, a covardia da necessidade curva-se humilde à tirania da inclemência, e a anarquia da fome sussurra a sua impotência em súplicas, em lágrimas e maldições em voz baixa. (José do Patrocínio, *Abarracamentos e pegadorias dos retirantes na Fortaleza*)

E ainda:

Tais são as cenas que nos seus abarracamentos representam diariamente os retirantes, sonâmbulos que pela maior parte nunca mais hão de acordar do pesadelo da desgraça. (José do Patrocínio, *Abarracamentos e pegadorias dos retirantes na Fortaleza*)

A crônica subsequente, *Estradas do Ceará*, conta o drama dos retirantes que, tendo se submetido a trabalhos em troca de salário baixíssimos ou comida, tendo vendido quase tudo o

que possuíam a qualquer preço, desde as próprias redes onde dormiam aos cabelos das mulheres, recorrem ao roubo de plantações. “Entretanto é convicção geral que o cearense apenas põe mão no que é alheio, quando já não lhe é possível disfarçar a fome”.

José do Patrocínio está inteirado da desproporcionalidade das punições perante esse tipo de crime. Notícia que é comum aos infratores receberem dúzias de chicotadas, terem suas cabeças raspadas em forma de cruz – penalidade simbólica a qual quem “sofrê-la caminhará irremediavelmente sem amparo, e morrerá sem despertar a mínima compaixão”.

Narra-se aqui histórias tocantes, relatos da difícil luta pela sobrevivência que força os cearenses a abandonarem suas casas rumo a hipóteses de lugares melhores. No caminho, cruces de pau erguidas sobre elevações de pedra lembram os retirantes da sina que os aguarda: “O destino dos desgraçados é a peregrinação pela terra natal até encontrarem uma cidade, em que vão adiando miseravelmente o desaparecimento no túmulo”. (José do Patrocínio, *Estradas do Ceará*)

O cronista não restringe a capacidade de usar uma linguagem que envolva e emocione em grau maior que o da objetividade dos periódicos. Usufriui de toda a liberdade assegurada pelo gênero para transmitir a informação à medida que comenta.

O abandono das habitações faz adivinhar que necessidades irremediadas arrastaram-se aí ao desamparo, que amargas lágrimas choradas sem consolo, que antevisão medonho do futuro na hora em que os que aí moraram viram-se forçados a abandonar o sítio em que talvez os cônjuges trocaram o primeiro afago e ouviram os primeiros vagidos da prole. (José do Patrocínio, *Estradas do Ceará*)

E acresce:

Por maior que seja o esforço para descrever os retirantes e as torturas por eles sofridas durante a viagem para as cidades, é impossível fazê-lo. (José do Patrocínio, *Estradas do Ceará*)

Em outro momento, José do Patrocínio se reporta à mudança de administrador da província. Bastante enfático, afirma que o anterior não fora eficiente, enquanto o substituto já previa medidas que amenizassem a caótica situação sócio-econômica do Estado cearense. Dentre elas, estavam a criação das Comissões de Pronto Socorro, de Emigração e Domiciliária, bem como hospitais e abarracamentos.

Apesar de algumas melhorias, o cronista percebe que problemas como a fome, a prostituição e as doenças continuam afetando a população. E justifica, explicitando suas próprias convicções, sem deixar passar a oportunidade de criticar a censura:

É que o caráter do pessoal está aquém das circunstâncias anormalíssimas da província; uns por falta de energia e hombridade com o Exmo. Sr. presidente, outros... porque no Brasil não há lei se não para impedir que a verdade possa ser dita com franqueza. (José do Patrocínio, *Sistema de distribuição de socorros*)

O texto subsequente, *Idoneidade dos agentes de socorros*, cuja temática aborda a competência dos encarregados de assistir os retirantes, é uma das mais aptas à visualização da conversa imaginária entre escritor e leitor que é uma das características das crônicas. Nela, José do Patrocínio apresenta seu papel e sua função social.

Tenho de expor ao veredicto público homens encarregados de uma alta função humanitária pelo Estado, e devo discuti-los em uma sociedade em que o respeito pelos outros é tão desconhecido como o sacrifício pela própria dignidade. É, portanto, do meu dever deixar pelo menos traçado um caminho aos que tenham de julgar-me também. (José do Patrocínio, *Idoneidade dos agentes de socorros*).

O investigador conclui que a adversidade enfrentada pelos retirantes é, em grande parte, consequência dos encarregados dos socorros. Segundo Patrocínio, os comissariados não permitem ser fiscalizados e não existe diligência durante a seleção dos responsáveis de prestar assistência.

Ademais, as autoridades políticas não conhecem a dimensão do flagelo dos retirantes, nem há médicos regulares nos abarracamentos. Acrescenta que nada é feito contra a falta de compromisso de funcionários incapazes e que no Ceará divulga-se a ilusão de felicidade, ou seja, é difundida a ideia de que se vive o melhor momento no Estado. Utilizando marcas da oralidade, o cronista reproduz os comentários de quem chega à região: “já sei, já sei; o Ceará tem melhorado”. (José do Patrocínio, *Administração Estelita*)

Todavia, a inspeção realizada pelo correspondente desperta animosidade. José do Patrocínio é então acusado de mentiroso e de possuir uma propensão a somente bombardear o Governo. Diante dessa situação, ele se defende:

Ora francamente se não é orgulho insensato, é tolice inqualificável pensar-se que, para combater um qualquer presidente, ou um qualquer ministério brasileiro, alguém se aventure a

viajar dispendiosamente por lugares enfeudados às epidemias e à penúria. (José do Patrocínio, *Administração Estelita*)

Limito-me a amaldiçoar os renegados da filantropia, que, para elogiarem banalmente um homem, esquecem o sofrimento de milhares de mães que têm visto morrer a prole à fome, milhares de moças que têm sido forçadas a sacrificar o pudor a um pedaço de pão, de milhares de pais, esposos e irmãos obrigados a trocar a honra por uma bolacha, porque a ditadura da desgraça impôs-lhes a abdicação dos mais nobres sentimentos. (José do Patrocínio, *Administração Estelita*)

Ainda em *Administração Estelita*, José do Patrocínio remonta à gestão daquele que dirigiu a Província na época em que a realidade do Ceará não havia tomado a proporção presenciada por José do Patrocínio.

Assim, o conselheiro Estelita apresentava, como desafios, deter o êxodo rural e socorrer quem conseguiu emigrar do interior. Havia também a preocupação de ocupar a mão de obra. Para isso, investiu-se na construção de edifícios públicos, na distribuição de sementes e teares. Apesar dos benefícios dessa administração, Patrocínio afirma que muitos tentaram miná-la.

O pensamento do relator a respeito da atuação de Estelita é bastante favorável ao referido conselheiro:

O povo guardou a memória da semelhante administração e eu aprendi com ele a bendizer sinceramente àquele que desempenhou na cadeira presidencial o papel de Providência dos retirantes. (José do Patrocínio, *Administração Estelita*)

Na crônica final, comenta-se a transição do Governo de Estelita para o de Aguiar. São expostos os empecilhos para a realização das metas visadas pelos gestores de ambas as administrações. O cronista noticia as medidas de combate às fraudes, as quais intitula de “revolução da moralidade”, bem como as formas de resistência dos comissários à pressão imposta. José do Patrocínio deixa explícito seu apoio a Aguiar e em sua opinião:

O Governo deve ao conselheiro Aguiar uma grande reparação no presente: é o único meio que tem de atenuar diante da posteridade o crime de seus partidários, que torturaram barbaramente um homem de bem. (José do Patrocínio, *Administração Aguiar*)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate das crônicas escritas por José do Patrocínio durante a viagem rumo a alguns Estados do Nordeste brasileiro permite que se visualize o caráter documental e o valor histórico dos textos analisados.

A partir de foco narrativo em primeira pessoa que favorece a conversa entre emissor e receptor, leitores de outras partes de um Brasil pouco integrado, assim como leitores contemporâneos, tomam conhecimento da situação calamitosa que os retirantes sofriam - a qual é presenciada, contada e comentada por Patrocínio.

Descrições de ambientes e de acontecimentos contribuem para a elaboração do retrato dessa realidade. No entanto, à medida que são relatadas as histórias, o caráter aparentemente superficial é substituído pela interpretação pessoal de fatos e denúncias as quais possibilitam confrontar passado e presente.

Estabelecem-se, portanto, interfaces a respeito do que mudou desde 1878 e o que permaneceu estacionado no tempo até os dias atuais, favorecendo aquele que é o objetivo fundamental da crônica: a reflexão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.A.B. de. Registrar o cotidiano: uma arte inspiradora. In: : ANDRADE, C.A.B e ROSATTO E. (Org.). *Prática de Escrita: A Crônica, um estímulo à percepção e à criatividade*. São Paulo: Andross, 2005, p. 15-33.

BENDER, F.; LAURITO I. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.104p.

GUARIDO, Maura Duarte Moreira; MORAES, João Batista Ernesto de. *Análise dos elementos temáticos característicos do gênero literário crônica com vistas a sua hierarquização para fins classificatórios*. // Ibersid. (2009) 119-124. ISSN 1888-0967.

MARQUESI, S. C. Lendo crônicas: perspectivas para a formação de leitores críticos. In: ANDRADE, C.A.B e ROSATTO E. (Org.). *Prática de Escrita: A Crônica, um estímulo à percepção e à criatividade*. São Paulo: Andross, 2005, p. 35-45

MYSZAK, R.; TEIXEIRA, N. R. B. A crônica de guerra de Rubem Braga. In: *Anais do II Congresso Nacional de Linguagens em Interação*, Universidade Estadual de Maringá, 2008, p. 1839-1845.

NATAL, Jorge Luiz Alves. Transporte, ocupação do espaço e desenvolvimento capitalista no Brasil: história e perspectivas. In: *Ensaio FEE*, Porto Alegre, 1991, p. 293-307.

NETO, T.L. da C. Planejamento educacional e participação democrática: um estudo sobre a rede pública estadual de ensino em Alagoas (1999-2004). Disponível em: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/planejamento-educacional-participa%C3%A7%C3%A3o-democratica-um-estudo-rede-publica-estadual-ensino/id/35039912.html. Acesso em 8 de fevereiro de 2012.

SANTOS, J.R. A formação econômica das regiões sudeste e norte do Brasil. *Ethos e Episteme*, Manaus, v.6, p. 45-55, 2007.

SCHNEIDER, I.C. Machado de Assis contador de histórias: literatura, história e tragédia na composição da crônica. *Temas e Matizes*, Paraná, nº6, p. 71-78, 2004.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolandauma-interseccao.pdf>>. Acesso em 3 de fev. 2012)

VASCONCELOS, R. *O poder e a cultura de violência em Alagoas*. Maceió: Edufal, 2005. 187 p.